

## A Memória na História Oral de Vida dos Idosos<sup>1</sup>

Jessica Syrio Callefi e Elisa Yoshie Ichikawa

### Resumo

Uma das maneiras de acessar a subjetividade dos sujeitos dentro da pesquisa qualitativa é utilizando a história oral de vida. Este caminho metodológico vem ganhando espaço dentro das pesquisas científicas que se interessam por informações obtidas com base nas percepções dos indivíduos. A partir deste contexto, este estudo tem o intuito de compreender o papel da memória do indivíduo dentro da história de oral de vida. Foram coletadas e analisadas sete histórias de vida, cujos protagonistas são idosos, moradores de um asilo. A importância deste estudo perpassa a compreensão da mudança das memórias dos indivíduos com o passar do tempo, o que reflete questões geracionais, visto que o presente interfere na maneira do indivíduo compreender as memórias do passado. Apontam-se, como resultados desta pesquisa, que as lembranças mais vívidas nas memórias dos indivíduos entrevistados são aquelas que relacionam os fatos do passado com a vida atual do indivíduo, e aquelas lembranças que geram contradições do passado em relação à realidade atual que vivenciam.

### Palavras-chave

Pesquisa Qualitativa. Memória. Idosos.

### Abstract

One of the ways to access the subjectivity of individuals within qualitative research is to use oral history of life. This methodological path has been gaining ground in scientific research that is interested in information obtained from the perceptions of individuals. Within this context, this study intends to understand the role of the individual's memory within the oral history of life. Seven life histories were collected and analyzed, being the protagonists elderly residents of an

asylum. The importance of this study permeates the understanding of changing individuals' memories over time, reflecting generational issues, since the present interferes with the individual's understanding of his/her memories. We point out that the individuals' most vivid memories are those that relate the facts of the past to the current life of the individual and those memories that generate contradictions of the past in relation to the current reality they experience.

**Keywords** Qualitative Research. Memory. Elderly Adults.

## INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias é um meio bastante difundido entre os idosos para a transferência de conhecimento e tradições para outras pessoas (MORI, 1998). Segundo Bosi (2010), a narração necessita de um locutor e um interlocutor e há um saber que é transferido através da oralidade, de forma que o narrador tem a função de trazer a sua experiência, e os interlocutores aprendem por essas histórias.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016), 29,9% da população de idosos brasileiros em 2015, acima dos 65 anos de idade, não teve acesso à alfabetização. Este dado apresenta um vislumbre de um dos motivos pelos quais a tradição oral é tão importante para os idosos transferirem suas histórias para outras pessoas. Assim, entende-se que uma das melhores maneiras de acessar as compreensões e entendimentos de mundo dos idosos é pela história oral de vida.

A história oral de vida, uma das metodologias dentro da pesquisa qualitativa, permite compreender o sujeito com foco na própria percepção sobre a realidade que ele enxerga (DENZIN; LINCOLN, 2006). Barros e Lopes (2014) defendem que esta metodologia pede que o sujeito disserte sobre sua vida livremente, trazendo elementos a serem entendidos e estudados cientificamente para a compreensão da realidade.

A memória tem um papel fundamental dentro da história oral de vida, visto que o sujeito precisa acessar sua memória e trazer elementos que culminam em relacionar o passado com o presente, tendo em vista que o presente pode interferir na maneira do indivíduo reviver suas memórias do passado (BERGSON, 2006).

Dentro deste contexto, este artigo tem como objetivo compreender o papel da memória na história oral de vida dos sujeitos pesquisados – no caso, idosos internados em um asilo –, visando auxiliar futuras pesquisas que se utilizem desta mesma estratégia de obtenção de dados de pesquisa qualitativa.

A elaboração desta pesquisa justifica-se pela busca por um aprofundamento sobre a memória

dentro da história oral de vida, timidamente abordada em estudos científicos. Além disso, a utilização de idosos como sujeitos de pesquisa permite um maior entendimento sobre as diferenças geracionais, no que tange às compreensões de suas experiências passadas pelas vivências do presente.

## **HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

De acordo com Bom Meihy (2002), a história oral de vida é um recurso que pode ser utilizado para a realização de estudos relativos à experiência social dos indivíduos. Segundo o mesmo autor, a história oral de vida permite que grupos que, até então, não possuíam o privilégio de serem ouvidos tenham a liberdade para contarem suas experiências. Ademais, estes sujeitos adquirem maior grau de dignidade ao perceberem que suas histórias possuem importância histórica e social para a construção do conhecimento e a compreensão da realidade.

Portanto, a história oral proporciona significado social à vida dos indivíduos que depõem e se sentem parte do contexto (ICHIKAWA; SANTOS, 2006). Segundo Thomson (2000), a ênfase da metodologia está no narrador e na oportunidade deste sujeito recordar e contar sua história. Joutard (2000) complementa que a história oral tem na sua origem o intuito de ouvir a voz dos excluídos, trazer e transmitir a realidade daqueles que não são ouvidos.

Thomson (2000) esclarece que existe um consenso acadêmico a respeito das entrevistas de história oral, de forma que não há uma regra padrão a ser seguida por todos. De acordo com Barros e Lopes (2014), para coletar os dados da história oral, pede-se para o indivíduo contar a sua vida, através do seu ponto de vista e da maneira que lhe for natural, e os pesquisadores se encarregam de compreender o universo do qual os entrevistados fazem parte.

Autores como Bom Meihy (2002), Gonçalves e Lisboa (2007) e Whitaker (2000) apresentam alguns elementos necessários para a coleta e análise de dados dentro da modalidade da história oral de vida, no intuito de transformar estas histórias em dados científicos para análise.

Para Bom Meihy (2002), é necessário que o projeto para a coleta da história de vida contenha: tema, justificativa, hipótese de trabalho, escolha dos indivíduos, formação da rede, entrevista, transcrição, conferência, uso e arquivamento – todos bem definidos. Ademais, para uma melhor estruturação para a coleta de dados, separam-se os temas das histórias de vida em grandes blocos ou em grandes acontecimentos.

Já Gonçalves e Lisboa (2007) elencam como principais etapas do procedimento metodológico: elaboração do projeto de pesquisa a partir de um roteiro, uso do termo de consentimento livre e esclarecido para a realização da pesquisa, definição do objeto de pesquisa, definição da questão problema, definição da amostra e critérios qualitativos, elaboração do roteiro de entrevista com base na questão problema, realização das entrevistas, processamento das entrevistas e codificação e análise das entrevistas e retorno dos resultados da pesquisa aos sujeitos.

Por sua vez, Whitaker (2000) considera que todas as etapas, desde os procedimentos de transcrição das entrevistas até a sua interpretação, devem ser seguidas criteriosamente para garantir que a pesquisa tenha validade. Ademais, a teoria pela qual o material será analisado também é imprescindível para a coleta, análise e validade da pesquisa.

Whitaker (2000) adverte que o pesquisador precisa entender a realidade dos seus entrevistados, bem como as práticas culturais do lugar em que estão inseridos. Esta ideia vem ao encontro das colocações de Barros e Lopes (2014), os quais entendem que as histórias individuais contêm valores e ideologias, uma vez que os indivíduos fazem parte de uma coletividade. Além disso, é importante que o pesquisador consiga captar o sujeito dentro destas histórias, pois, através do relato, é possível reconstruir o campo da subjetividade, com suas características individuais e singulares, moldadas a partir da experiência do coletivo.

Durante a transcrição das histórias de vida coletadas, Joaquim e Carrieri (2018, p. 310) alertam que “ao ‘transformar’ a fala em escrita, não há como não interferir e modificar a fala do narrador. Por este motivo, defende-se que não é possível fazer uma transcrição ou tradução do que é falado”. Portanto, há que se levar em conta os aspectos velados, a linguagem verbal e tudo o que não foi dito, mas que ficou entendido pelos gestos e emoções do entrevistado (JOAQUIM; CARRIERI, 2018).

Assim, a transcrição torna-se essencial para que elementos importantes não sejam perdidos pela transcrição literal do que foi dito pelo entrevistado. Isso porque a transcrição é o processo de organizar a história, em vista de apresentar maior compreensibilidade ao leitor sobre o que foi dito e observado a respeito da história de vida. “É preciso modificar e reordenar, permitir que determinada fala apareça [mesmo quando não dita] e remontar esta aura que permeia a narrativa de modo que o leitor também experimente essa narrativa” (JOAQUIM; CARRIERI, 2018, p. 310). Portanto, o pesquisador tem a liberdade de propor um texto que traga a emoção da narrativa.

## **MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS DOS IDOSOS**

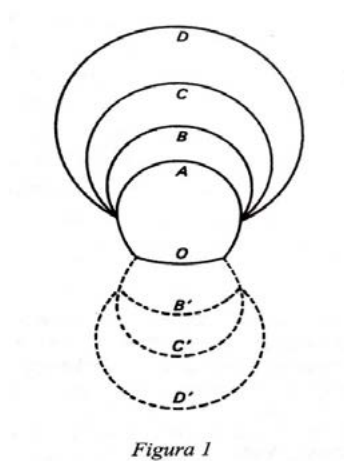
Nas histórias contadas e transcriadas, os indivíduos narram sua própria existência e a transformam em experiência para os que a escutam (BOSI, 2010). E estas histórias têm um ponto em comum: utilizam somente a memória como fonte principal de dados. Portanto, há que se falar sobre as memórias e sobre as distinções entre os conceitos de percepções, lembranças e memórias.

De acordo com Bergson (2006), a memória inicia com as percepções, enquanto as percepções são dados selecionados pela nossa mente de acordo com o que consideramos mais relevante do mundo que observamos. Já a lembrança advém das percepções que os indivíduos selecionam a respeito de tudo o que já vivenciaram. Bergson (2006) assume que “na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 2006, p. 30).

A memória constitui-se de imagens que misturam nossa percepção do presente com as imagens do passado e, dessa maneira, é possível que toda a experiência que se adquire enriqueça a memória ou mesmo a substitua (BERGSON, 2006). “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

A Figura 1 apresenta uma exemplificação do funcionamento da memória. Observa-se que o objeto, ou o que será guardado na memória, é representado pela letra O. O círculo A é a percepção imediata construída pela mente do indivíduo a respeito do objeto. De acordo com Bergson (2006), o indivíduo expande a totalidade de sua memória como uma expansão intelectual através do conhecimento e de tudo o que observa, criando outras percepções, representadas pelas letras B, C e D. Já os círculos pontilhados representam a transcrição de uma memória sobre as outras.

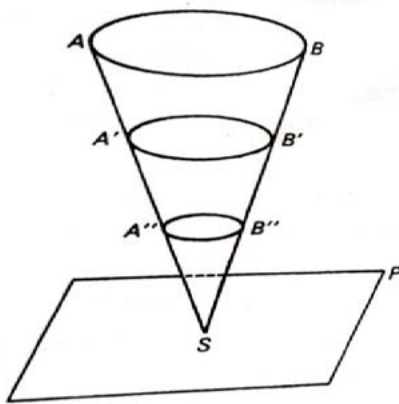
**Figura 1** - Círculos da memória



Fonte: Bergson (2006)

Assume-se que as novas memórias podem se tornar tão presentes e reais que chegam a reprimir e subscrever sobre as memórias antigas, além de trazer diferentes percepções na atualidade sobre um fato que ocorreu no passado (BERGSON, 2006).

De acordo com o exposto, é possível representar a totalidade das memórias de acordo com a Figura 2, em que Bergson (2006) considera que o cone SAB representa a totalidade das lembranças acumuladas da memória, a base AB está fixada no passado e o vértice S está fixado no presente, o plano P é a representação atual que o sujeito tem do universo. Toda a imagem que se tem de um objeto se concentra em S, fazendo parte do plano P, e, assim, essa imagem recebe e devolve as ações referentes ao mesmo objeto (BERGSON, 2006).

**Figura 2** - Formação da imagem pela memória*Figura 5*

Fonte: Bergson (2006)

Além da memória se utilizar de imagens-lembrança para projetar as novas percepções (BERGSON, 2006), Halbwachs (2009) assume que os indivíduos precisam se adaptar aos acontecimentos da vida, ignorar algumas lembranças, ou gravar outras mais importantes ou úteis na memória. Dessa forma, entende-se que as imagens gravadas da memória estão permeadas de escolhas e sentimentos dos indivíduos (BERGSON, 2006). Ou seja, “a memória é seletiva” (POLLAK, 1992, p. 203).

Vale ressaltar que, segundo Le Goff (1990) e Halbwachs (2009), outras pessoas nos auxiliam nas construções de nossas memórias e na recordação delas, pois se assume que a construção da memória também é coletiva.

Esse entendimento é importante, visto que existem acontecimentos políticos e históricos que têm relevância tão intensa que os indivíduos incorporam como suas memórias individuais, ainda que não tenham vivenciado certos fatos, ou seja, estes acontecimentos se tornam, praticamente, uma memória herdada (POLLAK, 1992). A memória coletiva permite o entendimento das lutas e das tradições de uma determinada sociedade (LE GOFF, 1990).

Porém, apesar da memória ter essa característica coletiva, ressalta-se que somente o indivíduo é capaz de acessar e dizer o que sente e pensa acerca da memória que carrega. Isso porque os acontecimentos são, primeiramente, vividos pessoalmente (POLLAK, 1992).

Sobre a memória no contexto da velhice, Vargas-Santillán *et al.* (2017) ressaltam que os idosos consideram saúde como a capacidade de poderem realizar tarefas e também o ato de recordarem das próprias memórias. Mori (1998, p. 25) diz que “o lembrar do velho é uma constante tensão entre passado e presente, uma busca de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e apô-las às imagens de agora”. Logo, existe um receio dos idosos em não se recordarem de algumas lembranças que consideram especiais em suas vidas e de terem lapsos de memória (SOUZA, 2011).

Ressalta-se que estas memórias, ainda que não estejam completas, trazem uma riqueza imensurável para a pesquisa (JOAQUIM; CARRIERI, 2018). Inclusive, apesar das características flutuantes e mutáveis da memória, Pollak (1992) assume que alguns fatos e acontecimentos são imutáveis, uma vez que fazem parte da essência do indivíduo. Por fim, a busca da história a partir da memória, procura mais do que a veracidade dos fatos em si, mas o entendimento da realidade através da subjetividade dos indivíduos entrevistados.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa ocorreu em um asilo da cidade de Maringá entre os meses de fevereiro e outubro de 2017, com a coleta e conferência de sete histórias de vida. Este total de entrevistas trouxe as contribuições necessárias para responder aos anseios da investigação. Ademais, conforme apontam Godoi e Matos (2006), dentro da pesquisa qualitativa, o número de indivíduos a ser pesquisado não precisa ser previamente estabelecido, o que permite uma maior flexibilidade para o pesquisador voltar a campo sempre que necessário.

O asilo que acolheu este estudo já continha outros pesquisadores das áreas de psicologia, enfermagem, medicina e terapia ocupacional realizando outras pesquisas. Ademais, a abertura do asilo para pesquisadores, voluntários e visitantes é uma política interna que visa à manutenção do contato dos idosos com a comunidade. Dessa forma, os próprios idosos já estavam acostumados com pesquisadores e gravações de entrevistas.

A seleção dos entrevistados deu-se de acordo com o grau de abertura dos mesmos para a pesquisa. Durante as atividades diárias dos idosos, explanava-se sobre a pesquisa que seria realizada e era feito o convite para entrevista.

As histórias foram todas gravadas com a permissão dos entrevistados e estes contavam suas histórias de vida livremente. Considerou-se que coletar, ler e reler as histórias para os idosos seria o melhor caminho para conseguir garantir a conferência das histórias, visto que a maioria deles não sabia ler.

Dentro desta pesquisa, as entrevistas foram separadas em cinco blocos principais, a saber: infância, juventude e trabalhos executados, principais fatos marcantes da vida, a entrada no asilo e o presente. Estes blocos surgiram naturalmente durante as entrevistas não estruturadas, pois os próprios entrevistados contavam sobre suas vidas a partir destas fases. A fase da infância auxiliou em um entendimento maior sobre a vida do entrevistado no passado e a construção dos valores que ele carrega até o presente. O trabalho foi o primeiro assunto abordado pelos entrevistados ao narrarem suas vidas. Os blocos sobre a entrada no asilo e sobre o presente visavam compreender como o sujeito se adaptou no lugar onde vive atualmente. Essa separação em blocos, como proposto por Bom Meihy (2002), auxiliou não só nas coletas de dados, mas também na reorganização das histórias de vida, visto que, durante as entrevistas, era comum que os entrevistados não seguissem uma lógica temporal de acontecimentos.

Na entrega das entrevistas, a história de vida transcrita foi lida para cada um dos entrevistados e, após a confirmação, as histórias foram impressas, encadernadas e entregues para os protagonistas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, o Quadro 1 apresenta alguns dos principais dados a respeito dos entrevistados, os quais permitem um maior entendimento do contexto de vida de cada um dos idosos que participaram da pesquisa.

**Quadro 1** - Informações sobre os entrevistados

Nome fictício	Idade (anos)	Estado civil	Debilidades físicas	Motivo para ir para o asilo
Carlos	83	Viúvo	Locomoção com auxílio de bengala	Desavenças familiares: considera que a filha, sua única parente viva, o enganou ao deixá-lo no asilo sem tê-lo consultado antes.
Ester	60	Solteira	Locomoção com auxílio de andador	Necessidade de cuidados especiais: com o passar da idade e a necessidade de cuidados especiais, além da relação difícil com os irmãos, Ester veio para o asilo como última opção de moradia.
Joana	89	Solteira	Saudável	Necessidade de cuidados especiais: com um bom estado cognitivo e social, Joana decidiu vir para o asilo por acreditar que teria mais liberdade e seria mais bem cuidada do que na casa de parentes. Ela ainda mantém contato com os familiares, os quais a buscam para visitar os parentes todos os finais de semana.
Joaquim	81	Solteiro	Surdo de um dos ouvidos, locomoção com o auxílio de uma bengala	Necessidade de cuidados especiais: por não ter parentes vivos na cidade e nem ter constituído família, Joaquim preferiu vir para o asilo quando percebeu que não conseguia mais viver de forma independente.
Rafael	82	Solteiro	Cadeirante	Necessidade de cuidados especiais: Rafael perdeu o contato com seus familiares ainda na adolescência. Durante toda sua juventude e vida adulta, trabalhou em uma fazenda, mas, com o avançar da idade, seus patrões decidiram interná-lo no asilo.



Nome fictício	Idade (anos)	Estado civil	Debilidades físicas	Motivo para ir para o asilo
Raul	69	Solteiro	Cadeirante e com leve quadro de esquizofrenia	Necessidade de cuidados especiais: com apenas um irmão vivo sem condições de cuidar dele e com a necessidade de cuidados médicos frequentes, Raul preferiu vir para o asilo.
Rute	98	Viúva	Cadeirante	Necessidade de cuidados especiais e questões financeiras: sua única filha não tinha condições de sustentar a casa e contratar cuidados para a mãe.

Fonte: Dados da pesquisa

Verifica-se que os moradores do asilo entrevistados, em sua maioria, são solteiros. Ocorre que seus parentes próximos também possuem idade avançada, impossibilitando que estes disponham de condições para cuidar de outras pessoas.

Ademais, as dificuldades de saúde são um fator complicador. A perda ou diminuição da capacidade de locomoção impede que o idoso consiga executar sozinho as tarefas do dia a dia e, até mesmo, de higiene pessoal, necessitando de alguém para o auxiliar nas atividades cotidianas. A questão financeira também impacta esse aspecto, visto que algumas famílias ficam com o dilema de cuidar do parente idoso ou trabalhar fora de casa para pagar uma pessoa para cuidar do seu parente.

A partir das histórias de vida obtidas por meio das entrevistas realizadas, observou-se que os temas do trabalho e do estudo se repetiram em todos os diálogos. Entre os entrevistados, a maioria era de classe baixa, teve que trocar os estudos pelo trabalho na infância e alguns deles nem mesmo lograram estudar.

A maioria dos entrevistados iniciava as entrevistas com o tema do trabalho, o que expressa a relação intrínseca entre a história de cada um com as tarefas que foram realizadas durante a maior parte da juventude e da vida adulta. Os idosos recordavam-se do emprego, do orgulho em subir de cargos, exaltavam a dignidade de trabalhar, lembravam-se de histórias relacionadas ao dia a dia, da exaustão e do grande volume de trabalho, e, até mesmo, de frases exatas que foram ditas em momentos específicos ou chave sobre suas vidas laborais.

Na sequência, têm-se trechos de entrevista que suportam estes entendimentos. Raul, por exemplo, utiliza a expressão “comecei a vida”, para falar de seu primeiro emprego. Rafael comenta sobre o trabalho que durou a vida toda. Joana recorda com satisfação o ponto crucial de entrada no trabalho e da frase exata que expressou a sua única oportunidade em mostrar que seria capaz de desempenhar seu trabalho. Da mesma forma, Carlos recorda-se do seu diálogo com sua mãe a respeito da carreira que decidiu seguir:

Raul: Comecei a vida fazendo móveis, foi meu primeiro emprego. Trabalhei em uma marcenaria dos 14 aos 16 anos. Depois, fui trabalhar como empacotador em uma loja de tecidos, mas logo me passaram para o balcão e eu trabalhei como vendedor por algum tempo.

Rafael: A vida foi corrida até hoje. Daí, agora, eu parei de trabalhar. Sempre gostei de trabalhar e gosto de trabalhar até hoje. [Eu] plantava café, trabalhava, trabalhava, trabalhava. A vida inteira foi de trabalhar! Eu gosto de trabalhar. Até hoje eu gosto de trabalhar. Eu tenho saudade da roça.

Joana: Eu morava em Londrina e meu primo era gerente do banco. Aí eu entrei no banco, sem concurso, sem nada. Só que meu primo disse para mim: “Se dentro de uma semana você não se adaptar aqui, não trabalhar bem, você está na rua”. Mas como eu me adaptei bem, fiquei 32 anos no banco. Entrei no banco com uns 17 anos. Porque eu precisava. Foi o meu primeiro trabalho fora. Eu me saí bem. Atendia muito bem ao público. Ele me pôs no balcão, justamente para ver como que eu ia me adaptar. Gostei! Eu gostava de atender o povo. Sabe como é? Cidade pequena. Na época, tinha muita gente da redondeza ainda. Era cidade pequena ainda. Como era gostosa! Fiquei uns 15 anos neste banco em Londrina. Eu gostava do banco. Era o Banco Brasul de São Paulo, mas o [Banco] Noroeste comprou. Aí eu fui para Curitiba.

Carlos: Eu estava com 9 anos quando saí do sítio. Eu falei com a mãe e o pai: “Mãe, vou trocar de ramo, mãe. Tenho vontade de ser artista, eu vou ser artista, mãe. Ela falou: “Ô meu filho, você vai querer ser artista? O seu pai é bíblico”. Meus pais eram evangélicos. O meu pai não tinha parada, porque ele era ministro da igreja e viajava muito. Eu falei: “Vou ser bíblico também, vou estudar, já estou estudando a bíblia. Vou estudar para padre”.

Ainda sobre os trechos apresentados, observa-se a divergência entre a vida ativa e a vida ociosa dentro do asilo. O asilo contém poucas atividades que se relacionam aos trabalhos executados pelos idosos no passado com suas vidas ativas. Dentro do asilo, na maior parte do tempo, os idosos só observam o tempo passar. Ressalta-se que o ócio é valorizado por vários, visto que a maioria deles só parou de trabalhar ao entrar no asilo, e assim, permitem-se descansar:

Joaquim: Aqui é muito bom pra viver, porque como eu falei: aqui ninguém faz nada.

Ester: Mas, eu gosto daqui, a gente come e dorme só.

Carlos: Eu só fico quietinho, sentado pra cá.

Porém, em outros trechos das entrevistas, é possível observar a discrepância entre a possibilidade de produzir do passado, com a situação atual da vida dos idosos no asilo. Isto ocasiona, às vezes, o sentimento de inutilidade, conforme observado na fala de Carlos e ressaltado pela fala de Raul:

Carlos: Tem hora que eu estou sentado aqui e fico pensando todos os lugares que eu lecionei, [...] eu tocava e cantava. E agora estou aqui que nem um sabugo velho.

Raul: Os idosos precisam fazer movimentos, se exercitar, pintar, desenhar. São as atividades que nos mantêm vivos. Se a gente vivesse no ócio completo, além

de estar no pior lugar do mundo, a gente morreria de ociosidade. Comer, beber, dormir, isso não basta para nós. Temos que ter amizades, conversar.

Outro tema que também foi trazido por todos os entrevistados é o da educação. Este tema também se relaciona ao trabalho, já que muitos dos idosos entrevistados não tiveram a oportunidade de estudar, dado que precisavam ajudar no sustento de suas casas. Outros idosos tiveram a oportunidade de estudar, valorizam os conhecimentos adquiridos, mas reconhecem que, dentro do asilo, estes conhecimentos não têm muita serventia, conforme observado na fala de Carlos. Ainda é possível observar os sentimentos de arrependimento por não terem estudado na infância e o vislumbre de que, se tivessem estudado, talvez não estivessem em um asilo:

Raul: Então viemos para Maringá. Entrei em um colégio, mas não estudei, fui só um dia. Eu precisava trabalhar e a escola era longe de onde eu morava.

Joaquim: Estudei muito pouco. De jovem, larguei dos estudos para trabalhar.

Ester: Lá não tinha jeito de estudar, era puro mato. Tudo longe. Não íamos para a cidade.

Rafael: Aí o meu padrinho pegou os filhos deles no sítio e montou uma escola na casa dele para a criançada estudar. Ele arrumou uma professora para ensinar. Só que eu não podia ir lá. Eu brincava com os meninos quando era pequeno, mas, na escola, não podia ir. [...]. Aí eu fiquei trabalhando no sítio, ajudando meu pai.

Cecília: A única felicidade que eu não tive é que meu pai nunca me deixou ir para a aula. Eu gostava da leitura. Eu conheço os números, conheço as letras, mas não sou capaz de juntar para decorar para ler. Ele não deixava estudar, porque tínhamos que trabalhar.

Carlos: Eu estudei quando era novo, da tua idade assim. Daí, eu terminei. Não pode parar. Não pode pôr o pé no freio e estacionar. Estudo nunca é demais. Que nem eu. Eu tenho estudo. Bastante. Mas, não presta para nada mais.

Joana: Meu pai me colocou em um colégio de freiras. Mas eu não ficava longe da minha mãe. Daí eu fiquei lá [no colégio], estudei um pouquinho. Não aguentava ficar lá. Daí eu voltei para a fazenda. Hoje eu me arrependo, mas fazer o quê?

Durante as entrevistas, notou-se também que os idosos atribuem grande importância para a lucidez e a boa memória. Isso porque diversas doenças que afligem os indivíduos de maior idade afetam a memória. Assim, poder recordar de memórias pessoais e de fatos no geral gera conforto para os indivíduos, conforme ressalta Carlos:

Carlos: Eu tenho a cabeça boa. [...] Lembro! Lembro sim. Eu me lembro de tudo. Estou com 82 anos, mas a minha cabeça guarda tudo certinho.

Outros entrevistados afirmaram que a forma de pensar sobre a vida muda na velhice. Os idosos refletem sobre o que passou e revivem os momentos de seu passado, conforme as falas

de Cecília e Carlos. Observa-se que alguns dos idosos revivem os fatos com outras lentes e novos sentimentos, e outros ainda revivem os mesmos sentimentos dolorosos do passado, como observado na fala de Ester, a qual se emocionava muito contando sobre o que viveu:

Cecília: A gente tem que compreender que quando a gente é nova, é uma coisa. E quando a gente é velha, é outra. O que mais muda é o pensamento. Porque, no tempo que a gente é mais nova, o pensamento é mais vadio. Só quando a gente está com uns 50 ou 60 anos, o pensamento muda. Pensamento da gente fica mais pesado, mais coisas na cabeça. A gente vê muita coisa errada e fica meio triste.

Carlos: Eu penso muito na família. Penso o que eu tinha.

Ester: Nós andávamos descalços. Só depois, com 15 anos, meu pai me comprou meu primeiro chinelo, uma Alpargata. Mas, antes, era sempre descalça. Tinha muito cururu, espinho, assim, que entrava no pé da gente. Minha irmã ajudava a tirar do pé da gente com alfinete. Doía muito.

Durante as entrevistas, foi possível observar que diversos sentimentos relacionados ao passado são revividos pelos indivíduos. Tanto a satisfação, felicidade e orgulho dos grandes feitos, a gratidão pela vida, família e trabalho que tiveram, como as tristezas e dificuldades que enfrentaram e que deixaram marcas profundas. O ambiente ocioso é um convite para a reflexão sobre a vida, bem como a imaginação de como a vida seria diferente se as escolhas do passado tivessem sido outras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como conclusões desta pesquisa, observou-se que a história oral de vida é um meio que garante tanto a obtenção de dados dos entrevistados como a valorização pessoal dos indivíduos. Isso porque, quando eles são ouvidos, percebem que sua história tem importância. Além disso, compreende-se que, mesmo que a obtenção de uma história não seja a cópia fidedigna da realidade, as impressões, sentimentos e a maneira de pensar dos indivíduos é mais proveitosa para a compreensão da realidade. Afinal, busca-se o ponto de vista do protagonista sobre a sua própria história.

Observou-se que os indivíduos acessam a memória com maior frequência de acontecimentos que tiveram importância para eles e também com os quais eles se identificaram. Comumente, os entrevistados contavam mais de uma vez sobre um mesmo acontecimento e perguntavam se estas histórias estariam presentes no relatório final, tamanha a importância que davam a estes fatos para suas vidas. Estas histórias não se alteravam e, ocasionalmente, eram contadas com as mesmas palavras.

Em relação a esta pesquisa, em especial, foi possível observar duas questões importantes: a primeira questão é como o meio pode afetar os indivíduos que nele estão inseridos. O convívio com os enfermeiros, cuidadores, visitantes e pesquisadores, instigavam os idosos desta pesquisa a refletir sobre as diferenças entre gerações e as mudanças históricas atuais.

Quando um profissional se apresentava ao idoso, este automaticamente relacionava que aquele profissional teve estudo e ele não, visto que, na infância e adolescência dos idosos, o acesso à educação era dificultado.

Verificou-se que, como a maioria dos entrevistados não teve a possibilidade de estudar – já que o trabalho era mais valorizado e necessário, na época, que o estudo – hoje, ao contrastarem o que viveram no passado com o que vivem no asilo, entristecem-se por não terem podido agarrar ou não terem agarrado as chances de estudar que apareceram em seus caminhos. As memórias passadas, misturadas com a realidade presente, fazem-nos refletir e arrependem-se de alguns fatos, já que, em sua opinião, se tivessem estudado, talvez sua situação fosse diferente no presente momento.

A segunda questão importante referente a esta investigação diz respeito à centralidade do trabalho na vida das pessoas e como isso não se descola dos indivíduos, mesmo que sua realidade atual não exija mais o trabalho como elemento essencial. As fases mais alegres que as memórias dos entrevistados trouxeram são as do trabalho. A vida produtiva, no sentido laboral, é a da qual eles têm mais saudade e com a qual mais se identificam. São fases em que eles se viam com uma dignidade talvez hoje perdida e, assim, não há como não afirmar que o trabalho tem uma grande relação com a identidade dos indivíduos.

O fato de não trabalharem mais faz com que alguns idosos se deprimam, por não terem o que fazer no asilo e também por não terem mais as mesmas habilidades para realizar as tarefas à qual estavam acostumados no passado. A lógica do trabalho e a necessidade de se sentirem úteis o tempo todo acompanham os indivíduos de maneira profunda e irrefutável.

Por fim, de forma geral, observou-se que a compreensão da memória para o entendimento da história oral de vida é fundamental. Através de cada uma das histórias de vida captadas por esta pesquisa, foi possível entender que a memória traz as experiências subjetivas dos personagens, mas sempre acrescentadas de suas reflexões e percepções a partir da realidade em que vivem no presente. A memória trabalha não apenas com lembranças e acontecimentos, mas também com sentimentos. Assim, pode haver apagamentos e também acréscimos às narrativas, até para torná-las mais aceitáveis para o próprio narrador. Desta forma, trabalhar com a memória não é trazer os acontecimentos exatos dos fatos, mas trazer um passado relido e repensado a partir das implicações do presente, sabendo que as imagens gravadas da memória estão permeadas das escolhas do próprio narrador. Ao considerar essas especificidades, o pesquisador que trabalha com memória consegue ponderar e entender as questões teóricas que busca, a partir deste importante elemento da história oral de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimentos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo auxílio financeiro para desenvolvimento desta pesquisa.

## NOTA

1 Submetido à RIGS em: jun. 2018. Aceito para publicação em: set. 2018.

## REFERÊNCIAS

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014. p. 41-63.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 301-323.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral e sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katálysis**, v. 10, n. especial, p. 83-92, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2009.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2016**. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2016/default\\_tab\\_xls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2016/default_tab_xls.shtm)>. Acesso em: 21 jul. 2017.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: SILVA, A.; GODOI, C. K.; MELLO, R. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 185-209.

JOAQUIM, N. F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 85, p. 303-319, 2018.

JOUTARD, P. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, M. D. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2000. p. 31-46.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MORI, N. N. R. **Memória e Identidade**: Travessia de velhos professores. Maringá: EDUEM, 1998.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SOUZA, F.S. **O ensino de discriminações condicionais para idosos com comprometimento cognitivo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

VARGAS-SANTILLÁN, M. L.; ARANA-GÓMEZ, B.; GARCÍA-HERNÁNDEZ, M. L.; RUELAS-GONZÁLEZ, M. G.; MELGUIZO-HERRERA, E.; RUIZ-MARTÍNEZ, A. O. Significado de salud: la vivencia del adulto mayor. **Aquichan**, v. 17, n. 2, p. 171-182, 2017.

THOMSON, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, M. D. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 47-66.

WHITAKER, D. C. A. Análise de entrevistas em pesquisa com história de vida. **Caderno CERU**, v. 2, n. 11, p. 147-158, 2000.

**Jessica Syrio  
Callefi**

Professora do departamento de Engenharia de Produção na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pesquisa na área de cultura organizacional, aprendizagem organizacional, satisfação e sofrimento no trabalho.

**Elisa Yoshie  
Ichikawa**

Professora do departamento de Administração na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pesquisa na área de estudos organizacionais em temas como cotidiano, identidades, discursos, memória e história, a partir de dimensões sociológicas, simbólicas e qualitativas de análise.